

“ÁFRICA LIVRE”: O QUE É?

A chamada «África Livre», foi criada — conforme a nossa revista publicou recentemente (Ver Tempo n.º 562) — pelos serviços secretos do antigo regime ilegal de Ian Smith, sendo composta por antigos membros das forças repressivas do regime colonial português em Moçambique: PIDES, GES, COMANDOS e FLECHAS, enquadrados por conhecidas figuras sinistras do colonialismo e alguns desertores das FPLM.

As primeiras missões destinadas ao grupo foram as de os seus elementos servirem como guias ao exército rodesiano. Mais tarde, receberam tarefas de espionagem e tentativas de assassinar dirigentes do nosso País e da Frente Patriótica do Zimbabue, assim como realizar outros atentados em lugares públicos. Para tentar apresentar este grupo como «dissidentes», o regime rodesiano dotou-o ainda de uma emissora de rádio (A voz da Quizumba) e deu-lhe todo o apoio logístico, moral, político e, inclusivamente alimentar.

Foi assim que o grupo conseguiu infiltrar, dentro de Moçambique, alguns homens, que cometeram crimes publicamente já conhecidos na Estrada Nacional número 1, queimaram lojas e outros bens do povo e

do Estado. Após a independência do Zimbabue, conforme declarações feitas por prisioneiros, a África Livre passou a receber ordens directamente do regime racista da África do Sul, onde presentemente tem o seu santuário.

Aquando da realização da Operação Leopardo, há pouco mais de um ano, as Forças Armadas de Moçambique (FPLM) atacaram e destruíram a base principal destes grupos, nas montanhas de Mossurize. Porém, os sobreviventes, que não puderam ser apanhados ou render-se, dispersaram-se para voltarem a reagrupar-se, mais tarde, noutras zonas. Aí continuam a praticar as acções criminosas que os caracterizam: assassinatos, saques, destruição de pontes e estradas. Por isso, decorrem operações militares de limpeza, em toda a região afectada.

De salientar que, tal como foi revelado no final da Operação Leopardo, encontram-se alguns zimbabueanos, antigos «auxiliares de Muzorewa», no seio dos grupos da África Livre. Da mesma forma, o «Special Branch» (ramo das operações militares dos serviços secretos sul-africanos) utiliza naturais de Moçambique para combaterem contra a SWAPO, na Namíbia. Enfim, são peões de uma estratégia já conhecida do regime de Pretória, de desestabilizar os países como Angola e Moçambique, cuja opção ideológica incomoda o sistema vigente na África do Sul.